



Fidalgo, J. & Marinho, S. (Org.) (2009) *Actas do Seminário "JORNALISMO: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação"*. Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).

Jornalismo, uma profissão em mudança

(Tópicos de uma intervenção oral destinada a comentar o documentário *"Quem quer ser jornalista..."*, da autoria de Cândida Pinto, Jacinto Godinho e Susana Zarco - RTP, 1998)

Adelino Gomes ¹

O trabalho que acabamos de visionar é de 1998. Tem uma década, portanto. As grandes tendências estão lá. Ressalto três:

- No jornalismo, a predominância ou o apelo predominante da televisão;
- Na televisão, a tendência para o sensacionalismo (hoje chamar-lhe-íamos tabloidismo);
- E no que respeita ao acesso à profissão, uma certa indefinição, que leva aliás um então e ainda hoje director, José Manuel Fernandes, a reconhecer que os estagiários tapam buracos e que são para os jornais, acima de tudo, "tapa-buracos muito úteis" por razões de carácter sazonal.

¹ Jornalista. Actual Provedor do Ouvinte da Radiodifusão Portuguesa (RDP).

Ver este documentário - rever este documentário - mostra como estas três tendências se consolidaram.

(1) A televisão é o meio dominante.

(2) O tabloidismo é o estilo imperante, com a palavra *notícia* a ser substituída cada vez mais pelas palavras *produto* e *estória*, e *informar* a ser substituído por *vender* enquanto prioridade dos telejornais.

(3) Os estágios curriculares constituem uma fórmula muito útil para os *media*. E que, de sazonal, se transformou quase em permanente (os estágios curriculares fazem-se ao ritmo da academia, mas há cada vez mais estágios pós-curriculares, num carrocél permanente e dramático dos recém-licenciados).

Duas notas a propósito de estagiários e desta ideia da notícia como *produto* e *estória* e de informar ser substituído por *vender* enquanto prioridade dos telejornais:

Estive nos últimos 12 meses nas redacções das três estações generalistas portuguesas.

Nelas tive a surpresa de constatar como na televisão pública o império das audiências monitoradas pela Marktest é assumido sem estados de alma (ao ponto de notícias da área cultural serem regularmente deitadas para o caixote do lixo de *mr Gates* porque...não dão, ninguém vê...)

E observei a naturalidade com que o “exclusivo” se transformou, neste quadro, no critério essencial. Desde que de uma boa estória. Mesmo mal filmada. Só que uma boa estórias há-de ser (é-o, sistematicamente) um arrastão, um acidente mortal, uma hipótese de leão de Rio Maior...

Mas ver este documentário mostra também a velocidade vertiginosa a que os fenómenos ocorrem.

Algumas notas:

A primeira, muito curiosa: naquele ambiente televisivo de há 10 anos, em que os jornais se tornavam cada vez mais populistas e as questões de sociedade substituíam, enquanto tema, cada vez mais, a política, os debates eram passados a horas cada vez mais tardias e a grande reportagem desaparecia enquanto programa regular.

Ora, os debates desapareceram realmente (estão confinados à televisão pública e à SIC Notícias)

Mas a grande reportagem ganhou o *prime-time*.

Mais: passou a integrar os telejornais.

Sabemos porquê: porque garante audiências. Mas não deixa de ser curioso.

A segunda: as idas e vindas dos jornalistas pela experiência política, pelas assessorias, pela publicidade, eram condenadas por quase dois terços dos estudantes e dos estagiários.

A TSF era a preferida por 62 por cento, contra os míseros 6 por cento que apreciavam o estilo da RDP (não arrisco a dizer que a percentagens se invertem mas aposto em como as diferenças diminuíram substancialmente...).

O que os estudantes mais liam: *Público/DN (Expresso/JN e Independente*.

Até aqui tudo certo. Menos o desaparecimento de *O Independente*.

Mas o que dizer daquele ranking de telejornais:

Cana 1 - 69%

TV2 - 18%

SIC - 9%?

O futuro do jornalismo é cada vez mais negro, diz um chefe do jornalismo cor de rosa...

É indispensável investir no jornalismo e nos jornalistas. Mas o investimento na qualidade é a última coisa que os grandes grupos se dispõem a fazer, irmanados há 20 anos num único objectivo - cortar, cortar, cortar, lamenta esse pensador do jornalismo de hoje, que é Alberto Dines

O lado do negócio existe. Os *media* precisam de sobreviver. Mas devem fazê-lo mantendo a qualidade.

Mário Cláudio, entre as várias sentenças sábias que proferiu no trabalho que acabamos de visionar, disse algo que me serve à maravilha para encerrar este comentário, pois é todo um programa para a formação dos jornalistas.

Disse ele, mais ou menos: os estudantes não sabem o que se está a passar no mundo.

Nem sabem do que o mundo é feito.

Só pode ir para a profissão quem tenha vontade de saber o que esse está a passar no mundo.

E só vai vingar na profissão quem acabar por saber do que o mundo é feito...

Retenho, por fim, aquela citação: a dor da gente não vem nos jornais
Ela vem agora muito, a dor da gente.
Mas nem sempre quem chora mais alto é quem sofre mais fundo...

Para finalizar mesmo, regresso às duas questões que mais me tocam nesta viagem ao passado para tentar ver melhor o presente: as questões do acesso dos estagiários e da autonomia jornalística.

A primeira está na base de uma chamemos-lhe polémica (mas muito amigável) com o professor José Luís Garcia e com Sara Meireles, autora de uma tese de mestrado orientada por este professor, mais tarde transformada em livro (*Os Jornalistas Portugueses - Dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais*) e de que eu tive o prazer de ser um dos apresentadores.

Sara Meireles vê as dificuldades de entrada, hoje, na profissão, como uma consequência de uma desregulamentação no acesso. E esta seria fruto, entre outras razões, daquilo que José Luís Garcia aponta como “embarços e coacções da rentabilidade mediática”.

Subjacente nesta tese está a ideia de que antes o acesso estaria “regulamentado”, algo que não resiste à prova da história dos últimos 50 anos do jornalismo em Portugal.

É claro que um caso não fundamenta um argumento. Só que neste caso está uma forma de estar que todos os que tenham mais de 50 anos de idade podem confirmar. Aconteceu-me a mim próprio, em meados da década de 1960.

Determinado em ser jornalista, dirigi-me ao Diário de Notícias. Eu acreditava que o jornalismo era a melhor profissão do mundo e os jornalistas os seres mais puros e decentes. Decidi, por isso, que a melhor forma de entrar no jornalismo (escrito, na altura acho que estava já na Rádio) seria pedir ao director de um jornal que me fizesse uma prova. Se passasse, certamente que me convidaria a entrar no seu jornal.

Esperava-me uma pitoresca peregrinação, do contínuo até um remoto subchefe de redacção, desterrado no último gabinete do último andar do edifício. Ambos (contínuo e subchefe de redacção) a dizerem-me mais ou menos o mesmo:

O contínuo: Quer falar com o senhor embaixador [Augusto de Castro] e não o conhece?

O subchefe: Quer entrar no Diário de Notícias? Conhece o senhor embaixador? Então veja se conhece alguém que conheça o senhor embaixador. Metem-se muitos empenhos, sabe,

para entrar no Diário de Notícias. Mesmo jornalistas que trabalham noutros jornais. A melhor forma de entrar aqui é conhecer alguém que conheça o senhor embaixador...

Desregulamentação, hoje?...

Segunda questão, a da autonomia.

Num notável *post* colocado no blogue O Arrastão, Daniel Oliveira escrevia há semanas contra a ideia das teorias da conspiração como explicação, por exemplo, dos alinhamentos dos telejornais.

Estou de acordo com ele e porque se trata realmente de um texto muito oportuno e com uma excelente argumentação permito-me citá-lo longamente, julgo que para proveito de todos.

“(...) Não negando que há interferências externas ilegítimas, grande parte do que se passa com a comunicação social de hoje resulta de uma dinâmica própria, no quadro da ética deste século: a ética do entretenimento, em que a televisão é a rainha.”

É a *têvê* que marca o ritmo e o ar de cada tempo. Esta é uma das características do jornalismo que hoje temos – ser marcado pela *têvê*, prossegue.

“O jornalismo televisivo vive, antes de mais, segundo as regras da televisão e só depois segundo as regras do jornalismo. Tem o ritmo frenético da televisão e aproxima-se o mais que pode da ficção das telenovelas. Precisa de criar narrativas próprias. (...) E quando submerge o país na sua própria narrativa, dá as pessoas mais do mesmo até esgotar o filão. Depois, o consumo será, como é quase sempre, compulsivo: se as pessoas estão com medo, dá-se-lhes pânico (é o que se fez com a criminalidade), se as pessoas estão animadas dá-se-lhe euforia (foi o que se fez com o Euro 2004 ou Expo), se as pessoas estão desanimadas dá-se-lhe a depressão (foi o que se começou por fazer com os Jogos Olímpicos). E assim cria uma sociedade maníaco-depressiva, que salta da euforia para o desânimo absoluto.

Daniel Oliveira passa, depois, à questão da sempre reivindicada autonomia jornalística, que diz ter acabado. É aqui que começam as minhas divergências.

“Os jornalistas não são profissionais autónomos. Cada vez mais proletarizados, não criam um discurso próprio. Apenas repetem discurso já legitimado.”

“(...) Recentemente, com o crescente peso da opinião nos jornais (e até na televisão), os colunistas transformaram-se num dos principais instrumentos de legitimação do discurso que os jornalistas adoptam. A maioria dos colunistas limita-se a repetir o discurso hegemónico, transformando-o em senso comum. Eles são a opinião pública. Fora disso teremos, quanto muito, opiniões privadas.

No caso da insegurança, foram os colunistas que, transformando ideologia em senso comum, fizeram a agenda. A propósito da Quinta da Fonte, os temas escolhidos foram os apoios sociais e a falta de autoridade do Estado. Podia ter sido os bairros de realojamento. Não foi, porque quem domina os espaços de opinião tem um posicionamento ideológico. E rapidamente os jornalistas adoptaram este ponto de vista nos trabalhos que foram fazendo. No caso das medalhas foi o país que não trabalha, que é pouco exigente, que vive na balda. Podia ter sido a falta de apoio aos desportos com menos praticantes.

Porque usa o senso comum, o jornalista apenas confirma o consenso. Fora do consenso, estará no campo da sua opinião pessoal, do jornalismo com causas, tendencioso, pouco objectivo.”

E conclui Daniel Oliveira:

“O jornalismo do espectáculo, que acompanha o ritmo da televisão e tende a ser obsessivo, que não tem autonomia e que está vulnerável a todo o tipo de manipulações, é um dos fenómenos mais perigosos das democracias modernas. As nossas sociedades estão dependentes de jornalistas frágeis perante as fontes e perante a construção de discursos hegemónicos, sem capacidade de investigar e presos à lógica do entretenimento. Tendo um poder imenso, os jornalistas não têm, na realidade, poder nenhum. Manipulam consciências, sem terem poder sobre a agenda que impõem. São, por isso mesmo, manipuladores manipulados.”

Há muito de verdadeiro no que Daniel Oliveira aponta aqui, parece-me claro. Mas onde me diferencio dele (como me diferencio de LJG e de SM) é na convicção profunda de que, como em tudo o resto (ou se calhar mais ainda), na política, na acção e na intervenção social o jornalismo contém (é da sua essência) frestras por onde o profissional pode fazer sair (emitir) mensagens de independência e de libertação.

Foi sempre assim, não há razão para que o não continue a ser no presente e no futuro. Há um bem maior no mundo dos homens que é o do inconformismo. Acompanhado da persistência, ele pode alcançar metas que a muitos parecem inatingíveis. Como esta, que no jornalismo, talvez mais do que nos outros campos, ao profissional se oferece - a construção autónoma de uma obra própria.